

USO DE PSICOFÁRMACOS NA PANDEMIA: ESTUDO COM MESTRANDOS E DOUTORANDOS BRASILEIROS

Nayara Paula Fernandes Martins Molina¹; Gabriela Di Donato²; Corina Milagro Mosqueira Taípe²; Patricia Leila dos Santos¹; Mirana Moura Licetti³; Thaís Honório Lins Bernardo⁴; Verônica de Medeiros Alves⁴; Jair Kleyson Sousa Leite³; Assis do Carmo Pereira Júnior¹; Adriana Inocenti Miasso¹

¹Doutor (a), Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo.

²Mestra, Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo.

³Enfermeiro (a), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Brasil.

⁴Doutora, Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Brasil.

DOI: 10.47094/IICOLUBRAIS2022/43

PALAVRAS-CHAVE: Psicotrópicos. Transtornos mentais. Pandemias.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Coletiva

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 - IMPACTOS1986301P.

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 tem impactado a saúde, ocasionando uma nova pandemia de adoecimento mental. Com significativo impacto na saúde pública, observa-se um crescente aumento de transtornos mentais entre a população, especialmente os jovens adultos, com tendência à automedicação e uso de psicofármacos (OMS, 2022).

A saúde mental no contexto atual da pandemia tem levantado inúmeras discussões, dentre essas se destaca a saúde dos pós-graduandos, mestrandos e doutorandos. Tal população vivencia um ambiente desafiador e com diferentes demandas, tanto pela jornada excessiva de trabalho, como pelo desenvolvimento de pesquisas (dissertações, teses e outros) e a exigência de alta produtividade (aulas, créditos universitários, participação em eventos científicos e publicações em revistas renomadas), que juntamente as questões pessoais, profissionais e financeiras, os tornam mais suscetíveis ao adoecimento mental (GARCIA DA COSTA, NEBEL, 2018).

Dentre as possibilidades de tratamento para os transtornos mentais, se destaca o uso de psicofármacos, medicamentos modificadores seletivos do Sistema Nervoso Central, que alteram o estado mental, influenciando o comportamento, o humor e a cognição (PRADO; FRANCISCO; BARROS, 2017).

O acompanhamento de sintomas de quem usa psicofármacos deve ser realizado de modo cuidadoso, devido efeitos colaterais e alta dependência. Ademais, o aumento de prescrição e o uso de psicofármacos estão ligados à vida contemporânea, na qual se cobra constantemente por produtividade e sucesso (NASARIO; SILVA, 2016).

Em um cenário de instabilidade na pós-graduação, a pandemia pode acentuar alguns aspectos, como a manutenção ou não de bolsas de estudo, prazos para conclusão de créditos, possíveis prorrogações de prazos e até a incerteza de emprego futuro, aspectos que podem impactar a saúde (COMIN et al, 2021).

Frente ao exposto, o presente trabalho objetivou analisar associação entre o uso de psicofármacos e dados sociodemográficos, acadêmicos e de saúde de mestrandos e doutorandos, durante a pandemia de Covid-19.

METODOLOGIA

Pesquisa quantitativa, transversal, analítica e observacional, realizada no território brasileiro, utilizando formulário eletrônico, na plataforma *Research Electronic Data Capture* (REDCap). Participaram 5344 pós-graduandos *stricto sensu* com 18 anos ou mais, de ambos os sexos, que residem no Brasil, com acesso à *internet*.

A coleta de dados foi realizada, de maio a julho de 2022. Utilizou-se um questionário para dados sociodemográficos, econômicos, acadêmicos e uso de psicofármacos elaborado pelos pesquisadores e submetido à juízes da área.

Para a análise de dados foram realizados o teste qui-quadrado e o teste exato de Fisher para verificar as associações ($p < 0,005$), por meio do *Software Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 24.

Esta pesquisa é um recorte de um projeto maior, intitulada: “A saúde mental do pós-graduando brasileiro em tempos de pandemia: agravos e estratégia para promoção”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, parecer número 5.384.965. Seguindo as recomendações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, o ofício circular 22021 da Conep referente aos procedimentos em pesquisa com qualquer etapa em ambiente virtual e em consonância à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre os entrevistados, prevaleceu o sexo feminino (66,8%), com faixa etária de 18-39 anos (79,9%), heterossexual (77,1%), de cor branca (63,0%), sem filhos (59,9%). O maior percentual referiu ser solteiros (41,3%), com renda de um a três salários-mínimos (36,2%), moram em duas pessoas na casa (30,2%) e referiram não terem religião (40,3%). Resultado semelhante foi encontrado em pesquisa com pós-graduandos de ciências contábeis no Brasil, o qual identificou semelhança para as variáveis sexo, faixa etária, estado civil e que não tinham filhos; no mesmo estudo divergiu quanto a renda (REZENDE, 2016).

Referente aos dados de saúde, 39,2% referiram fazer uso de medicamentos continuamente, sendo 19,3% de psicofármacos antes da pandemia e 22,3% iniciaram uso de psicofármacos durante a pandemia. Quanto ao tipo de psicofármacos, 11,2% referiram uso de ansiolíticos e 22,3% de antidepressivos. Estudo que entrevistou 2.903 estudantes de pós-graduação de todo o Brasil, identificou que 74% dos respondentes alegaram ter ansiedade, 31% insônia, e 25% depressão, além de distúrbio

relacionado ao sono (GARCIA DA COSTA, NEBEL, 2018). Pesquisa com pós-graduandos em 26 países, identificou que esse público apresenta seis vezes mais chances para desenvolver ansiedade e depressão (EVANS, et al., 2018).

Quanto a prescrição dos psicofármacos, 68,3% referiram ter recebido indicação do psiquiatra e 8,4% não ter recebido indicação e iniciado o uso por conta própria. O uso desses medicamentos pode levar ao comprometimento da memória e sono, desenvolvimento de tolerância, e, assim, impactar negativamente a saúde e vida de quem utiliza (OLIVEIRA et al, 2018). A maior dependência e exigir doses maiores ou associação de psicofármacos para tratar efeitos colaterais como a alteração do sono e sinais de ansiedade e humor deprimido; para tanto, deve-se incentivar o acompanhamento nos serviços de saúde, preferencialmente por equipe multidisciplinar para supervisão do tratamento.

Apresentaram diferença estatisticamente significativa para o uso de psicofármacos antes da pandemia, as variáveis faixa etária ($p=0,016$) e cor/raça ($p<0,001$). Sendo que a maior frequência de uso de psicofármacos fora para a faixa etária 40-59 anos (22,8%) e cor/raça brancos (21,1%). A faixa etária de 40-59 apresenta-se como fator de risco na literatura (MADRUGA et al., 2019), dado esse identificado no presente estudo. Ressalta-se que na referida faixa etária, o uso prolongado de psicofármacos pode gerar risco para demência e outras morbidades, ocasionando perda de saúde ao longo dos anos e sequelas (MADRUGA et al., 2019).

Já durante a pandemia, foram significativas as variáveis renda ($p=0,030$), com quantas pessoas mora ($p=0,036$) e satisfação com ensino digital ($p<0,001$). A maior frequência identificada entre aqueles com renda até três salários-mínimos (26,4%), que moram com 2-3 pessoas (23,7%) e insatisfeitos em relação ao ensino digital (29,2%). As condições de estudo e trabalho ao longo da pós-graduação são elementos que devem ser discutidos no cenário da Pandemia (COMIN et al, 2021). Faz-se necessário os programas de pós-graduações estar atentos as diferentes demandas desse público e conhecer o real cenário que estão inseridos durante e pós pandemia.

Observou-se que gênero, orientação sexual, frequentou o serviço de saúde, assistência à saúde e se recebeu indicação/prescrição foram significativas ($p<0,001$), religião ($p=0,008$; $p<0,001$) e acesso à internet ($p=0,001$) apresentaram associação para o uso antes e durante a pandemia de psicofármacos, respectivamente.

A maior frequência para aqueles que faziam uso de psicofármacos antes e durante a pandemia, foram não heterossexuais (22,9%; 29,2%), frequentou o serviço de saúde três vezes ou mais no último ano (22,6%; 27,4%), com prescrição médica para psicofármacos (51,1%; 60,6%) e de outras religiões (21,0%; 24,7%), respectivamente. Sabe-se que fatores socioeconômicos, biológicos e ambientais determinam a saúde mental dos indivíduos (OMS, 2022). A convivência acadêmica, os relacionamentos interpessoais, os serviços de saúde e as redes de apoio ficaram limitados e em alguns casos inexistentes durante a pandemia, gerando maior isolamento e solidão desses pós-graduandos, que pode aumentar o risco de adoecimento mental e propiciar o maior uso e/ou prolongamento do uso de psicofármacos.

Destaca-se que as frequências para as variáveis gênero foi maior para outros gêneros (28,6%) para o uso antes da pandemia e masculino (24,9%) para o uso durante a pandemia de psicofármacos; divergindo do presente estudo, observa-se que o gênero feminino é considerado fator de risco para uso de psicofármacos (MADRUGA et al., 2019). Tais dados reforçam como a pandemia de Covid-19

tem gerado impacto na vida e saúde dos indivíduos.

CONCLUSÕES

Diante dos resultados apresentados, reforça-se a necessidade de um olhar cuidadoso para a saúde dessa população. Os pós-graduandos já apresentam maior propensão a sofrimento psíquico, especialmente pelo perfil de mulheres e jovens. Somado as altas exigências acadêmicas e incertezas em relação ao futuro, podem desencadear alterações da saúde mental e aumento e/ou manutenção do uso de psicofármacos.

Acredita-se que os resultados aqui obtidos poderão fornecer subsídios para estratégias de promoção de saúde mental, atenção para o uso de psicofármacos e prevenção de agravos à saúde na referida população.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

EVANS, T. M.; et al. Evidence for a mental health crisis in graduate education. **Nature Biotechnology**. n. 36, p. 282–4, 2018

GARCIA DA COSTA, E.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **POLIS**. Santiago, v. 17, n. 50, p. 207-227, 2018

MADRUGA, C.S.; et al. Prevalence of and pathways to benzodiazepine use in Brazil: the role of depression, sleep, and sedentary lifestyle. **Braz J Psychiatry**, n. 41, p. 44-50, 2019.

NASARIO M, SILVAM. O consumo excessivo de medicamentos psicotrópicos na atualidade. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Marcela-Nasario.pdf>>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Transtornos Mentais tópicos**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>. Acesso em: 01 de nov de 2022.

PRADO, M.A.B; FRANCISCO, P.M.S.B; BARROS, M.B.A. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. **Epidemiologia Serviço da Saúde**. Brasília, v. 26, n. 4, p. 747-58, 2017.

REZENDE, M.S. Stress e desempenho acadêmico na pós-graduação stricto sensu em Ciências Contábeis no Brasil / Marise Santana de Rezende. - 2016. 145 f.